

Editorial de seção especial: O mal-estar colonial

Andréa Máris Campos Guerra

O dossiê sobre “O mal-estar colonial” reúne artigos de diferentes pesquisadores/as brasileiros/as com experiências de intervenção e reflexões teóricas que atualizam e contextualizam o modo como o mal-estar estrutural freudiano (Freud, 1976/1930 [1929]) é vivido em países herdeiros de processos de colonização, tomando o contexto brasileiro como horizonte. Apresenta, nos três artigos que se seguem, resultados parciais de pesquisa em curso sobre o tema “Decolonização e Psicanálise”, sedimentando novo campo analítico e investigativo.

Em termos editoriais, visa testemunhar a análise: (1) do modo como as respostas inconscientes se articulam na composição do sofrimento mental colonial, (2) da maneira como psicanalistas compõem novos desenhos e marcadores conceituais para a teoria psicanalítica que alcancem sua geopolítica e seu tempo histórico; (3) assim como inventariar as soluções subjetivas, coletivas e institucionais, referenciadas pela psicanálise. Seu propósito maior é difundir resultados científicos que favoreçam a construção de matrizes psicanalíticas contra-hegemônicas para aportes clínico-políticos de intervenção psicanalítica sobre o mal-estar colonial, reunido reflexões teóricas, literárias e clínicas.

Desde o encobrimento do Outro colonizado com a descoberta das Américas, em 1492 (Dussel, 1993), linhas abissais cortaram o Norte do Sul global, invisibilizando o lado de cá através de epistemicídios de saberes plurais (Santos, 2007) em detrimento da egologia cartesiana (Grosfoguel, 2017; Dussel, 1993). Esse recorte determinou um modo, dito neutro e cientificamente válido de produção de saberes, que desconsidera a experiência real do corpo traumatizado pelas aquisições e progressos imperiais. A partir, porém, da analítica do campo psicanalítico, constata-se que o mal-estar do real do gozo colonial retorna sob diferentes roupagens e assinala o necessário levantamento do véu imperialista para leitura do sofrimento colonial (Guerra, 2022).

O pensamento decolonial, tal qual adotado aqui, implica em ler criticamente o ponto de vista de onde se produz o conhecimento, nascido na modernidade com o Cogito cartesiano e a egologia que lhe é correlata. As ciências começaram a se pensar entre 1492 e 1700, quando emerge o paradigma epistêmico-científico da modernidade. Rompe-se ontologicamente com a relação homem-natureza e com a visão orgânica de mundo, engendrando um modo de conhecimento que se torna instrumento puro de controle racional sobre o novo mundo constituído e legitimado como sistema-mundo capitalista (Wallerstein, 2012), que justifica a expansão colonial europeia

Assentado em dualismos, tais como cultura-natureza, objetivo-subjetivo, formal-informal, o pensamento racional moderno descrendenciou epistemologicamente complexas cosmologias locais, impôs juridicamente a condenação e a morte de modos originários de pensar e estruturar a visão de mundo e, finalmente, aliado à violência militar, aniquilou ou mesmo extirpou populações inteiras com suas culturas e tradições. Sob alguns pressupostos, que se tornam axiomáticos e invioláveis, assentou-se a neutralidade de um olhar que tudo vê, menos a si mesmo, constituindo a arrogância de um desejado, mas impossível, ponto zero de produção de saber (Castro-Gómez, 2007). A certeza do conhecimento só se tornaria possível na medida em que algumas condições fossem respeitadas:

Sobre a Autora

A. M. C. G.
orcid.org/0000-0001-5327-0694
Universidade Federal de Minas
Gerais (UFMG), Belo Horizonte,
MINAS GERAIS (MG)
andreamcguerra@gmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



1. A distância entre sujeito conhecedor e objeto conhecido;
2. A objetividade, advinda do método;
3. A exclusão dos sentidos, obstáculos ao conhecimento que deve ser situado fora de toda dúvida;
4. A eliminação da *doxa* (opinião) e a busca da garantia da *episteme* (verdade);
5. A busca pelo conhecimento verdadeiro, puro e limpo, equivalente àquele produzido pelo Cogito, pelo pensamento incorpóreo e meta-empírico;
6. A disjunção da materialidade e do cotidiano, que contaminam e desvirtuam o conhecimento;
7. A adoção do modelo abstrato das matemáticas;

Assim, “a certeza do conhecimento só é possível na medida em que se assenta em um ponto zero de observação inobservado, prévio à experiência e que, devido à sua estrutura matemática, não pode ser posto em dúvida sob nenhuma circunstância” (Castro-Gómez, 2007, p. 82). Essa arrogância ou excesso do ponto zero de observação e de produção do conhecimento – *la hybris del punto cero* (Castro-Gómez, 2007) – faz equivaler o olhar do cientista ao olhar de Deus na metáfora *Deus Absconditus*.

Como Deus, o observador observa o mundo desde uma plataforma inobservada de observação, com o fim de gerar uma observação veraz e fora de toda dúvida. Como Deus da metáfora, a ciência moderna ocidental se situa fora do mundo (no ponto zero) para observar o mundo, mas à diferença de Deus, não consegue obter uma visada orgânica sobre o mundo, senão apenas uma visão analítica. A ciência moderna pretende localizar-se no ponto zero de observação para ser como Deus, mas não consegue observar como Deus. Por isso falamos de *hybris*, de pecado do excesso (Castro-Gómez, 2007, p. 83).

O pecado ou a *hybris* radica no fato de a ciência moderna eurocentrada desejar fazer-se o ponto de vista sobre todos os demais pontos de vista, sem tomar-se a si mesma como apenas mais uma perspectiva. Dessa maneira, situamos de onde nossa investigação psicanalítica toma seu ponto de partida. O que a psicanálise toma como olhar, objeto pulsional parcial como ponto vazio desde onde o Outro goza, é aqui central para a compreensão dos processos de acúmulo de sentido e de gozo, que são correlatos a essa imposição da produção científica e do poder sobre o saber, o ser e o gênero.

Em Lacan (1998/1966[1961]), a perspectiva é construída pela interposição de uma espécie de espelho plano como Outro sobre o qual se projetam os ideais. Aposto à imagem real, produz uma imagem virtual ordenado segundo seus elementos escópicos. Em outras palavras, cria-se uma tela simbólica a partir da qual o real é projetado como virtualidade. O olhar, portanto, é originalmente um objeto

vazio, que ganha forma com conteúdos imaginários. Essa configuração orienta o modo como poder e sexualidade se realizam como discurso no corpo social, mas também como se imiscuem singularmente como vias de satisfação nos sujeitos, regulando vias e interditando acessos. Assim, configura-se o ponto de encontro entre o singular e o que se impõe como universal.

O Outro, como espelho plano na Matriz Modernidade/Colonialidade, é encoberto a partir da descoberta das Américas (Dussel, 1993), sendo, desde então, invisibilizado por linhas abissais que determinam o que existe e o que não existe, o que é verdadeiro e o que é falso, o que é legal e o que é ilegal, o que é humano e o que é inumano ou subumano. Essas linhas globais dividem o globo entre o lado de cá e o outro lado, “tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece enquanto realidade” (Santos, 2007, p. 03). Não há possibilidade de co-presença. Para além das linhas abissais, há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética. Tomar este esquema ótico nos permite entender como, inconscientemente validamos essa operação - ponto desde o qual iremos pensar o mal-estar colonial.

Além dessa perspectiva colonial, também é importante situar a psicanálise quanto ao aspecto científico. Como correlato antinômico do sujeito da ciência, o sujeito do inconsciente se situa em “uma exclusão interna a seu objeto” (Lacan, 1998/1966, p. 875). Podemos dizer que a psicanálise constitui um saber que deriva da ciência, entretanto, não se encontra integralmente aderido ao campo científico. Assim, a psicanálise guarda uma posição de suspeita em relação à ciência, o que traz complexas, porém ricas, possibilidades de produção. Vemos acontecer ao menos três momentos de desconfiança e reafirmação de seu pressuposto epistemológico face ao Cogito Cartesiano. No primeiro tempo, a testemunha fidedigna da verdade, que valida a produção do saber, está, para Freud, no paciente que associa livremente. Daí seu embaraço ser a resistência inconsciente e os modos de vencê-la ao longo de um tratamento analítico (Stengers, 1998).

No segundo tempo com Lacan nos anos 1960, podemos falar em um avesso topológico da psicanálise em relação ao campo científico. A testemunha fidedigna da verdade desloca-se, com Lacan, do paciente para o psicanalista. A psicanálise lacaniana cria um objeto que verifica suas pretensões, isto é, cria psicanalistas. A produção de psicanalistas é a testemunha da verdade da psicanálise no sentido de Lacan, como máquina filosófica, científica e profissional (Stengers, 1998).

Se, neste segundo tempo, a psicanálise está, em relação à ciência, do outro lado da mesma, visando extrair uma verdade que responda aos próprios impasses da ciência, veremos um leve deslocamento no campo psicanalítico a partir da prevalência do real como impossível de aceder pelo

simbólico. Nesta terceira perspectiva, a psicanálise se situa do mesmo lado da ciência, na tentativa de escrever o real, de testemunhar seu impossível e de dar mostras de seus efeitos. Nesse momento, referido às elaborações de Lacan nos anos 1970, a verdade, com sua estrutura de ficção, relaciona-se com a ciência pela via do real que pode se escrever como saber, desde um ponto contingente de ciframento e abertura.

Finalmente, tomaremos, neste dossiê, especificamente o contexto brasileiro como ponto de partida. Supomos que essa tomada de plano em perspectiva promove um descentramento interno na posição de pesquisa, de leitura de mundo, de produção de saberes e de sustentação da prática clínica. Como vimos, o Sul Global é separado do Norte por linhas abissais que produzem e mantêm o epistemicídio de toda forma de saber que não corresponda à cosmologia eurocêntrica-racional-ocidental-universalizada (Santos, 2007). O pensamento abissal, contra a afirmação das epistemologias do Sul, cria um sistema de distinções visíveis e invisíveis. A realidade é dividida pelo universo deste lado da linha, existente, lícito e verdadeiro, habitado por seres humanos; e o outro lado da linha resta inexistente, ilícito e falso, habitado por não-humanos e sub-humanos em processo de civilizarem-se. O outro lado é condição de existência deste lado, mas é impossível a co-presença dos dois lados da linha (Santos, 2007). Seu ocultamento é o avesso da modernidade (Dussel, 1993; Quijano, 2017).

Essa estrutura cindida cria obstáculos ao pensamento e à ação, num regime de ocultamento e negação que mantém, à força e com violência epistemicida, a dimensão local do Sul como a-científica, primitiva, equivocada, subalternizada, selvagem. A realidade negada é lida sob a lente imperial da dominação e submetida ao silenciamento de suas idiossincrasias, tomadas como desvio, patologia, defeito, anormalidade, selvageria, primitivismo, alienação. No campo clínico, que se soma ao teórico na Psicanálise, emergem categorias que mesclam pobreza e diagnóstico, condenação e tratamento, criminalidade e incidência superegóica, exigindo um descentramento subversivo que resguarde o singular da experiência de gozo, sem perder de vista o horizonte hegemônico de sua inscrição. Numa perspectiva êxtima, de um fora que não é um não dentro, o avesso e o direito manifestam-se em continuidade moebiana. Nessa dobra forçada da linha abissal, sua torsão pela psicanálise, pode trazer à luz os seguintes elementos estruturais que a desfolhagem da teoria, decolonialmente produzida, pode articular:

- I. a transmissão da violência, numa relação permanente de opressão;
- II. o objeto como violado e roubado, mais que perdido;
- III. a desumanização dos corpos, como reverso do Humanismo pretensamente Universal;

IV. a pluralidade legislativa de códigos, sem valor equivalente à lei simbólica unicista;

V. a operação dos semblantes no campo dos ideais;

VI. o gozo predatório e destrutivo, mobilizado pelo par sado-masquismo;

VII. o corpo como imanência;

VIII. a desterritorialização da linguagem e a interferência sobre a língua como meio e modo de dominação.

Tais elementos servem de guia para orientação da investigação, ao lado das seguintes palavras-chave: Violência, Trauma, Sintoma, Silêncio, Palavra, Ato, Corpo, História, Geopolítica, Ressignificação, Reconhecimento, Vergonha, Culpa, Assentimento, Responsabilidade.

Assim, no primeiro artigo desse dossiê, “Por uma noção de sujeito socialmente informada”, Clarice Paulon e Pedro Ambra mostram como a noção freudiana de mal-estar é atravessada pelo universalismo eurocêntrico, destacando alguns de seus expedientes e contrapondo as noções de território e história para pensar sua perspectiva colonial. Trazem um caso que testemunha a dimensão do desamparo psíquico e suas condições de enfrentamento clínico.

No segundo artigo, “Uma diagnóstica do colonialismo a partir de As Doenças do Brasil, de Valter Hugo Mae”, Paulo Ferrareze Filho destaca três dimensões do colonialismo extraídas da obra do autor português, a saber, o machismo, o autoritarismo e o racismo. Como manancial da sintomática das massas brasileiras, a obra opera como um alerta simbólico da repetição atualizada dos traumas constitutivos e ainda não elaborados no tecido psicossocial brasileiro.

Finalmente, o terceiro artigo analisa o trabalho com população migrante no Brasil. Forjada por relações econômicas e políticas de exploração, as migrações internacionais forçadas suscitam afetos distintos e o mal-estar daí advindo induz à configuração de um modo de sofrimento sociopolítico que interroga a prática psicanalítica. A partir de uma experiência de extensão universitária, Elaine Ragnini e demais autoras incluem essa pauta pouco explorada para se pensar uma formação psicanalítica situada.

Essas são questões que, ao descentralizar o universal hegemônico de sua estrutura constitutiva, abrem a possibilidade de pensarmos lógicas plurais de pensamento, intervenção, pertença e presença na polis a partir da psicanálise. Nossa hipótese é a de que o recorte da violência atual delimita uma perpetuação da violência colonial tornando-se um dispositivo interno à cultura no contexto civilizatório (Cesarino, 2017). Ela se atualiza sobre corpos subalternizados por processos de violência, conflitos armados, guerras civis e ideologização hegemônicas, impostos pela cosmovisão ocidental imperialista, pelo

monopólio epistêmico eurocêntrico e pelos pactos da branquitude, do racismo, do cisheteropatriarcado, do etarismo e do capitalismo neoliberal, como sistema econômico e como discurso. Incidem, pois, no modo como se configura, tanto o mal-estar, quanto as soluções subjetivas, e ainda os desenhos da teoria e da práxis psicanalítica, que carecem ser registrados, teorizados e historicizados para conseguirem intervir sobre o véu desvelado da obscenidade colonialista. Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- Castro-Gomez, S. (2007). Decolonizar la universidad: La hybris del punto cero y el diálogo de saberes In: Castro-Gomez, S. (org.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar.
- Cesarino, L. (2017). Colonialidade Interna, Cultura e Mestiçagem: repensando o conceito de colonialismo interno na antropologia contemporânea. *Ilha*, 19(2) 73-105.
- Dussel, E. (1993). *1492, o encobrimento do Outro: a origem do mito da modernidade*. Vozes.
- Faustino, D. (2021). Franz Fanon e o mal-estar colonial: algumas reflexões sobre uma clínica da encruzilhada. *Coleção Decolonização e Psicanálise*. Editora n-1. <https://www.n-1edicoes.org/frantz-fanon-e-o-mal-estar-colonial-algumas-reflexoes-sobre-uma-clinica-da-encruzilhada>
- Freud, S. (1976). O mal-estar da civilização. In: S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XXI. (Trabalho original publicado em 1930 [1929]).
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afrolatinoamericano*. Imago.
- Grosfoguel, R. (2016). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas. Dossiê: Decolonialidade e Perspectiva Negra. *Sociedade e Estado*, 31(1), 25-49. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>.
- Guerra, A. M. C. (2022). *Sujeito Suposto Suspeito: a transferência no Sul Global*. Editora n-1.
- Lacan, J. (1988) A ciência e a verdade. In: J. Lacan, *Escritos*. Zahar. (Obra original publicada em 1966)
- Lacan, J. (1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade". In: J. Lacan, *Escritos*. Zahar. (Obra original publicada em 1966[1961])
- Quijano, A. (2017). Colonialidad del poder y subjetividad en América Latina. In: Castañola, M. A. e González (coord). *Decolonialidad y Psicoanálisis*. México.
- Santos, B. S. (2007) Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes, *Novos Estudos CEBRAP*, 79(nov), 71- 94. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>
- Stengers, I. (1998). *Quem tem medo das ciências?* Siciliano.
- Wallerstein, I. (2012). A análise dos sistemas-mundo como movimento do saber. In: P. A. Vieira; R. Lima Viera & F. A. Filomeno (Orgs.). *O Brasil e o capitalismo histórico: passado e presente na análise dos sistemas-mundo*. Cultura Acadêmica.